

Laelias Brasileiras · Noções, espécies e cultivo · 2

FRANCISCO MIRANDA¹

Dando início ao tratamento das espécies de *Laelia* dividindo o gênero em grupos afins, nada mais natural do que começar com o grupo formado pela secção Cattleyodes, que, como mencionado no primeiro número da série, inclui as espécies afins de *Laelia purpurata*. Este grupo é muito uniforme vegetativamente, a ponto de ser difícil a distinção, mesmo por cultivadores experientes, entre muitas das espécies, se vistas sem flores. Florida, entretanto, cada espécie apresenta características que a torna de fácil reconhecimento. Isso será visto posteriormente.

Na natureza, as espécies são mais comumente dendrícolas (ao pé da letra, vivendo sobre madeira, e que fica melhor dizendo sobre árvores), porém algumas espécies podem ser também saxícolas (vivendo em pequena camada de solo sobre rochas) ou mesmo rupícolas (vivendo diretamente sobre rocha). Uma espécie pelo menos, a saber, *Laelia lobata*, parece preferir estas últimas condições. Na maior parte das vezes, podemos encontrar plantas deste grupo habitando locais expostos a muita insolação e também boa circulação de ar, como por exemplo em galhos das árvores mais altas das matas ou em pedreiras expostas. Três espécies, pelo menos, são também encontradas no interior de matas de grande porte e mais sombrias, *Laelia tenebrosa*, *L. xanthina* e *L. virens*. Para melhor ter sucesso com estas espécies é importante, assim, observar o porte vegetativo das plantas e tentar, por esta observação, imitar as condições naturais. Com isso não se deve imaginar que são espécies difíceis de cultivar, pelo contrário são extremamente resistentes e facilmente adaptáveis a condições médias, que se às vezes não são ideais, permitem que todas as espécies sejam cultivadas juntas com muito sucesso.

Após comentários sobre as espécies, um breve resumo destas condições será útil, ao menos como diretriz. Para uma breve descrição, serão omitidos termos técnicos diferenciais quanto à forma das partes vegetativas e florais, já que basicamente são semelhantes para todas as espécies, e o esquema na parte 1 da série dá uma idéia razoável. Entretanto, algumas características que diferenciam este grupo dos outros dentro do gênero são de teor prático.

Então, uma *Laelia* deste grupo possui um rizoma rasteiro, de onde partem raízes espessas, geralmente em torno de meio centímetro de diâmetro. Os brotos que se originam do rizoma apresentam-se espaçados de alguns centímetros e são eretos. Estes brotos são compostos de uma porção espessada de caule aéreo, formando pseudobulbos ligeiramente achatados, e de forma elíptica alongada (ou quase redondos em algumas espécies, quando as plantas estão a pleno sol). Sobre este pseudobulbo aparece uma folha carnosa, elíptica alongada, com uma dobra longitudinal sobre a nervura central, que divide a folha em duas partes (metades) iguais. Dentro desta folha aparece uma espata achatada cuja função é de proteger as hastas florais (geralmente as hastas aparecem na espata verde, mas em alguns casos mesmo quando esta já se apresenta seca). As hastas florais apresentam variado número de flores, e estas flores possuem três sépalas geralmente iguais, dispostas em triângulo quase sempre perfeito e três pétalas, sendo que as duas superiores em algumas espécies são mais largas do que as sépalas e a terceira, inferior, modifica-se em labelo vistoso. Mais detalhes sobre cada espécie, apenas uma ressalva deve ser feita logo, e é com relação às folhas. A característica do grupo é apresentar apenas uma folha em cada pseudo-

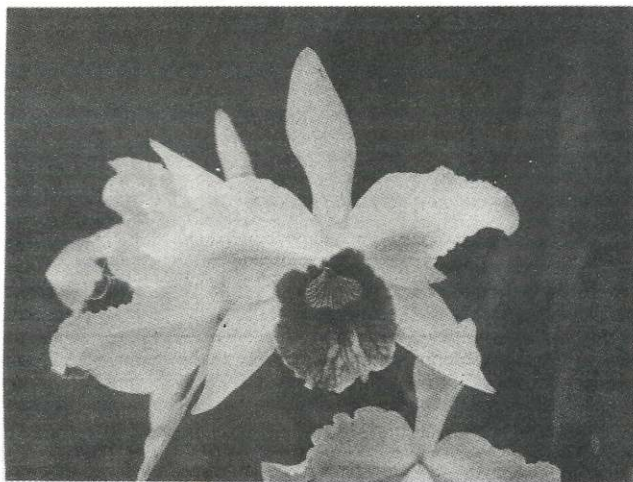
¹Av. Edison Passos, 4490, Alto da Boa Vista 20531, Rio de Janeiro.

bulbo, mas às vezes algumas pessoas ao iniciar o cultivo dessas plantas ficam intrigadas ao observar que alguns pseudobulbos apresentam duas folhas. Isto não invalida a regra, antes estas anomalias a confirmam. Esta anomalia pode ser característica de um clone particular, e neste caso será frequente na planta, ou pode ser uma resposta a condições de cultivo, aparecendo esporadicamente substituindo a espata ou mesmo com esta.

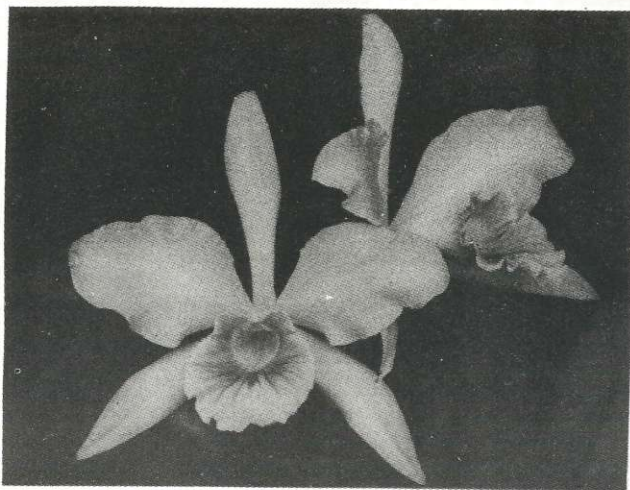
Laelia purpurata

É sem dúvida a espécie mais conhecida do grupo, além de ser a flor nacional brasileira. Sua enorme variação de colorido, principalmente no labelo, a tornou a favorita dos cultivadores brasileiros desde os primórdios da orquidofilia nacional até hoje, sendo por todo este tempo considerada como uma das mais belas orquídeas de nosso país. A espécie é nativa do litoral do sul do Brasil, formando duas populações naturais distintas, uma nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e outra em São Paulo. Estas populações são um pouco distintas vegetativamente, pois as plantas de São Paulo ocorrem em matas mais fechadas e desta forma são caracterizadas por brotos mais alongados e menos rígidos, isso em termos médios. As plantas da população mais sulina aparecem frequentemente em árvores isoladas (frequentes figueiras isoladas nas baixadas) e em pedreiras à beira mar, sujeitas assim a muita salinidade, sol e vento. Em termos de colorido básico, pouca variação há entre as populações, apesar de que as formas caracterizadas por variações de colorido quase todas aparecem na população mais sulina.

Os brotos de *L. purpurata* podem atingir, incluindo pseudobulbo e folha, 80 cm de altura e até mais, em plantas originárias de locais mais sombrios, mas em cultivo geralmente ficam em um máximo de 50 cm. As espatas florais chegam a atingir 20 cm de comprimento, o que algumas vezes dificulta o pleno desabrochar das flores, pois a haste não consegue elevar os botões florais a uma altura tão grande. As hastes florais apresentam em média 3 a 5 flores, se bem que já foi observado um caso em que uma única haste apresentou 11 flores simultaneamente abertas. As flores atingem até 20 cm de diâmetro, sendo que as sépalas são estreitas, geralmente com suas bases enroladas, e formam um triângulo perfeito. As pétalas são mais largas, quase sempre fortemente enroladas, e o colorido de todos estes segmentos é branco com matizes rosados, mais ou menos escuro. O labelo é tubular, envolvendo a coluna, frontalmente bem aberto, geralmente com estrias roxas nítidas e apresentando ou não amarelo na fauce, isto é, no interior do tubo, onde o labelo se abre. A época de floração se estende de outubro a janeiro, sendo que as plantas provenientes do Rio Grande do Sul geralmente são as últimas a florir. Quanto às variações de colorido, foram



Laelia purpurata 'Dante Vagnotti'

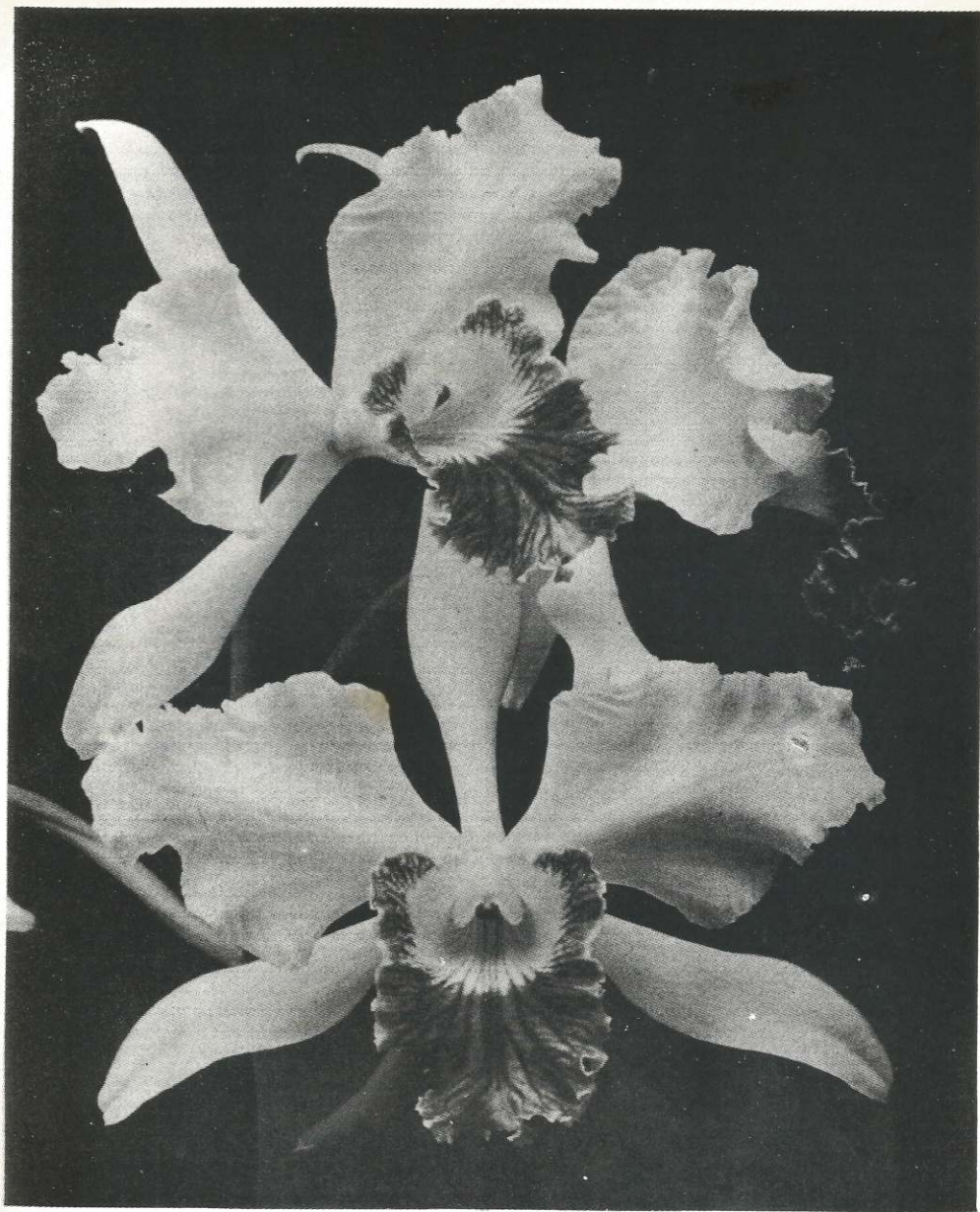


Laelia purpurata var. *carnea* 'Maria da Glória'

traduzidas em numerosas variedades que, como é sempre bom lembrar, tratam-se de variedades hortícolas e não botânicas. O "tipo" apresenta sépalas e pétalas róseo-claras com venulações mais escuras e labelo com porção frontal púrpura-escura com venulações mais fortes da mesma cor. Com relação às variedades, o assunto já foi esgotado numerosas vezes, e por mais vasto que seja o assunto, aqui é feito apenas um brevíssimo comentário com fim ilustrativo. Entre as variedades mais conhecidas, pode-se mencionar: *Russeliana*, com sépalas e pétalas brancas ou róseas, o labelo róseo-claro; *Carnea*, com sépalas e pétalas brancas, labelo róseo-salmão; *Vinicolor*, com sépalas e pétalas brancas, labelo cor de vinho tinto; *Werkhauseri*, com segmentos brancos e labelo roxo-azulado; *Mandaiana*, com sépalas e pétalas róseas e labelo róseo, sem estria alguma; *Alba*, com a flor totalmente branca apenas com amarelo claro na fauce do labelo.

Laelia lobata

Apesar de externamente ornamental, é relativamente pouco difundida em cultivo, possivelmente devido à sua difícil obtenção em grandes quantidades desde há muitos anos, ao contrário da anterior. A sua área de dispersão é muito restrita e os paredões rochosos onde habita, na cidade do Rio de Janeiro, são de acesso quase impossível. No passado, devia ser abundante nas matas ao redor destes paredões, mas a derrubada total destas a tornou restrita aos paredões. Em algumas arvoretas dificilmente alcançáveis, nestes paredões, uma ou outra planta é encontrada ainda hoje para provar este fato. Vegetativamente é muito semelhante às *L. purpurata* que crescem em locais insolados no sul do país, as plantas mais robustas raramente alcançando 40 cm de altura total. As flores menores que as da espécie anterior, mas apresentam pétalas mais largas, geralmente encrespadas mas não tão enroladas, dando às flores uma aparência mais "compacta". O labelo abre-se verticalmente de forma um pouco mais triangular ao contrário da espécie anterior, onde é mais redondo. O colorido é menos escuro e aparenta mais brilho, suas estrias são mais numerosas e o tubo nunca apresenta amarelo, sendo sempre branco com muitas estrias. Entre as "variedades", podemos mencionar *Coerulea*, *Rubra*, *Concolor*, *Alba*, e *Semi-alba*, desta última até onde se sabe apenas uma planta foi encontrada. Tanta variação chega mesmo a impressionar, com uma área de dispersão tão pequena. Sua época de floração é novembro.



Cultivo: F. E. Miranda

Foto: F. E. Miranda

Laelia lobata var. *semi-alba*

Laelia crispata

Espécie vegetativamente também pouco diferente das anteriores, sendo típica do estado do Rio de Janeiro, encontrada mesmo na floresta da Tijuca, dentro da cidade do Rio de Janeiro. É encontrada geralmente como dendricola (epífita) ou também como saxícola nos paredões nas regiões serranas do estado. As

hastes florais chegam a apresentar mais de 10 flores, mas as plantas de flores maiores geralmente apresentam 4-6. Como o nome bem propriamente diz, seus segmentos florais são extremamente crespos e enrolados, principalmente as pétalas e labelo. O colorido da flor vai de um branco puro, quase transparente às vezes, até um róseo muito claro, passando por formas com apenas sombras róseas em fundo branco. O labelo, que quase nunca se abre totalmente é roxo-escuro sólido e seu tubo é amarelo, às vezes até alaranjado, estriado de roxo. Suas "variedades" incluem *Delicata*, *Carnea*, *Vinicolor*, *Alba*, e é claro, muitas *Semi-alba*. Sua época de floração vai de fevereiro a abril.

Laelia tenebrosa

Espécie atualmente já bem rara, devido à destruição de seu habitat natural. É nativa do sul do estado do Espírito Santo, em matas que variam em altitude de 200-600 msm. Vegetativamente se assemelha às anteriores, mas suas folhas são geralmente um pouco mais estreitas e a planta toda apresenta geralmente matizes amarronzados e arroxeados. As flores aparecem em número de 3-5 na haste floral e são muito grandes, atingindo com certa frequência 18 cm ou mais. Seus segmentos são relativamente estreitos e variam em colorido de acobreado a marrom-escuro, apesar de que formas amareladas são conhecidas. O labelo é bem aberto, branco com um anel roxo-vermelho na fauce, sendo que este colorido pode se estender à toda porção frontal. Em termos de "variedades", podemos mencionar: *Aurea*, que corresponde às citadas formas amarelas; *Alba*, verde-amarelada com labelo branco e, até onde se sabe, uma planta *Semi-alba*, *L. tenebrosa* 'Walton Grange', FCC-RHS, mandada à Europa há muito tempo atrás, e que apresenta colorido amarelo-esverdeado com labelo branco e vermelho. Sua floração ocorre em dezembro.

Laelia grandis

Espécie nativa do norte do Espírito Santo e sul da Bahia, tendo sido muitas vezes considerada como mera variedade da anterior. Suas flores são, entretanto, bem menores e de colorido diferente, além dos segmentos serem bem encrespados. Em seu habitat, ocorre como dendrícola, desde a mata atlântica até matas secas de grande porte, mais para o interior. Vegetativamente, pouco difere das anteriores, sendo porém um pouco menos robusta. As flores aparecem em média 3-5 por haste floral, geralmente com diâmetro de 10-12 cm. Os segmentos são muito torcidos, chegando quase a serem semelhantes aos de uma *L. crispa*, e seu colorido é de um creme-amarelado a rosado, mais ou menos escuro. O labelo é branco com venulações em forma de estrias róseas a vinosas. Muito pouca variação se conhece na espécie, e esta variação está restrita à tonalidade e intensidade dos coloridos. A época de floração é fevereiro-março.

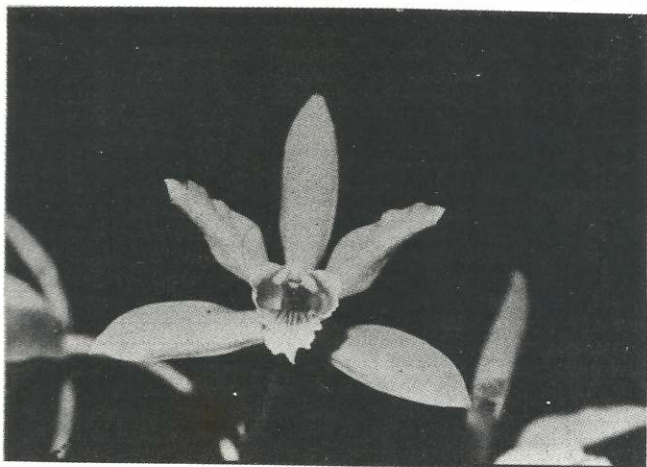
Laelia perrinii

Espécie ocorrente nas matas e pedreiras das regiões mais altas dos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Vegetativamente, é bem menos robusta que as anteriores e caracteriza-se bem pelo forte colorido arroxeado nos pseudobulbos e folhas. As flores, apesar de relativamente grandes, atingindo 13-15 cm, são de pouca duração e aparecem 2-3 em cada haste. Estas flores são bem diferentes das mencionadas nas espécies anteriores. As pétalas são planas, estreitas se alargando para a extremidade, horizontais ou mesmo um pouco caídas. O labelo é desproporcionalmente pequeno e de frente abre-se em forma ovalada, terminando em bico. A coluna, totalmente envolvida pelo labelo, é também desproporcionalmente pequena. O colorido dos segmentos é geralmente róseo-sólido uniforme, sendo o labelo frontalmente mais escuro, sem estrias, e seu tubo branco. Entre as "variedades", podemos mencionar *Alba*, *Semi-alba*, *Coerulea* e *Concolor*. Sua floração ocorre em março.

Laelia xanthina

A espécie é nativa do estado do Espírito Santo, ocorrendo geralmente em matas sombrias, em altitudes em torno de 500-700 msm. É espécie bem robusta vegetativamente, e desta forma de difícil identificação sem flores. As flores apa-

recem no verão, e se caracterizam bem por apresentarem sépalas e pétalas bem semelhantes e de colorido em tons de amarelo, desde o amarelo vivo até esverdeado. O labelo é quase que restrito a um pequeno tubo amarelo com algumas poucas estrias longitudinais roxas. Estas flores estão entre as menores do grupo, tendo em média 6-7 cm de diâmetro total e aparecem em número de até 10 por haste floral. Da mesma forma que outras espécies do grupo a destruição de seu habitat parece ser o perigo mais imediato para sua sobrevivência, já que não é das espécies mais cobiçadas e desta forma não sofre muita pressão de coleta, nem a sofreu no passado.



Laelia xanthina

Laelia virens

Uma das espécies muito pouco conhecidas do grupo, sendo nativa dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, mas sempre rara por sua área de dispersão. Ocorre quase sempre em matas sombrias, e na maior parte das vezes atinge pequenas dimensões, sendo que o normal é que plantas adultas atinjam uma média de 15 cm de altura total. Entretanto, de algumas áreas provêm plantas que vegetativamente podem se comparar a uma *L. crispa*, atingindo até 50 cm de altura. A despeito destas variações de porte, as flores são sempre muito semelhantes, esverdeadas e que muitas vezes frutificam sem abrir totalmente, o que é assunto interessante para discussões em outra ocasião. As inflorescências são sempre baixas, raramente atingindo mais do que 10 cm de altura, apresentando até em torno de 10 flores nas plantas grandes, sendo 3-4 a regra nas de porte baixo. Estas flores, como dito, são verdes, atingindo um máximo de 4 cm de diâmetro, muito raramente mais. Muito pouca informação existe com relação à espécie, tornando-se difícil precisar dados como época de floração.

Laelia fidelensis

Esta espécie está aqui incluída por falta de local melhor, mas obviamente um tratamento mais aprofundado acabará por tirá-la do grupo pelo bem da uniformidade deste, já que foi incluída na seção *Cattleyodes* quase que só por possuir espata bem desenvolvida, o que de fato é uma das características do grupo. De resto, porém, muito pouco tem em comum com as outras espécies aqui tratadas, a começar pelo porte vegetativo. Olhando para uma planta desta espécie sem as flores, imediatamente vem à cabeça uma comparação com *L. anceps*, espécie mexicana de seção bem distinta, com seus pseudobulbos mais angulosos, arredondado-tetrágonos e folha mais plana, menos acanoadada. Em flor, alguma seme-

lança ainda ocorre com esta espécie devido às altas inflorescências com as flores mais agrupadas em sua porção terminal. As flores de *L. fidelensis*, entretanto, são bem menos ponteadas, apresentando colorido róseo-claro uniforme nos segmentos e labelo, sendo que este último apresenta tubo branco a creme-amarelado. As pétalas são um pouco mais largas do que as sépalas, e o labelo se abre de forma circular. A flor toda tem um diâmetro de até uns 10 cm. Pouca informação se tem da espécie, mesmo seu habitat é desconhecido exceto por muito poucos que mantêm sobre o assunto segredo máximo. Apenas pode ser dito que ocorre no estado do Rio de Janeiro. Desta forma, aqui também é impossível precisar época de floração.

Cultivo

A par destas breves informações a respeito das espécies, um resumo de seus requerimentos em cultivo é útil para provar sua rusticidade.

Em termos de luminosidade, as espécies nos seus habitats estão sujeitas desde um sombreamento quase total até insolação idem, e plantas que vivem em cada uma destas condições particulares podem ser facilmente distintas por seu porte vegetativo, desde as plantas alongadas, pouco rígidas e verde-escuras das matas sombrias até as baixas, rígidas e quase amarelas de locais insolados. É claro que o ideal é dar a cada planta individual a condição exata em que ela sempre viveu, quer na mata, que na estufa ou ripado onde nasceu, mas nem sempre isso é possível. Então, um valor médio para a luminosidade deve ser tentado. Ora, não se deve pensar na luz como fator isolado, pois a tolerância ou otimização desta depende em grande parte de pelo menos dois outros fatores, a saber, temperatura e circulação de ar. A temperatura, em combinação com a luz causa o seguinte efeito: quanto maior a luz, maior a temperatura na superfície da folha, e mais, quanto maior a temperatura, menor a intensidade ótima de luz para as plantas realizarem fotossíntese, e em suma, crescer. O que se tira diretamente disto? Tira-se que em climas mais frios pode-se dar mais luz às plantas sem risco de que sua respiração ultrapasse sua produção de matéria pela fotossíntese. Pode parecer um pouco complicado, mas não é, pois tudo se resume ao fato de que quem cultiva orquídeas ou qualquer outra planta quer que ela produza mais do que consuma, resumindo sem entrar em detalhes, que ela cresça. Isto é uma explicação para o fato de que plantas provenientes de climas frios muitas vezes definham até a morte em climas quentes. Mas, estes dois fatores não trabalham isolados, existe um fator importantíssimo, e que pode ser explorado com ótimos efeitos em cultivo. Pode ser que precisemos dar a uma *L. crispa* ao nível do mar menos luz do que o ideal para manter este equilíbrio positivo de crescimento, se a planta veio de 1000 msn, já que a temperatura ambiente na mesma latitude é bem maior. Aqui entra então este outro fator que é a circulação de ar. Muitas vezes observa-se plantas vivendo a pleno sol e impressiona como não queimam, pois se tentamos imitar esta condição em cultivo os resultados muitas vezes são desastrosos. Uma observação possível de ser feita nas horas de maior insolação é que sempre existem ventos mais ou menos fortes que causam o esfriamento, principalmente das folhas, nestas horas. Esta é a solução para a nossa *L. crispa* de 1000 msn ser bem cultivada ao nível do mar. No Brasil pouco se usa qualquer técnica de ventilação artificial, talvez pelo velho conceito de que em nosso país tudo dá, é só colocar em um canto. É óbvio que, nas baixadas quentes, ventilação forçada é sempre benéfica, pois quem teve oportunidade de visitar as *Cattleya intermedia* e *C. guttata* no calor de Cabo Frio, no litoral do Rio de Janeiro, sabe como venta lá. O mesmo é verdade para as *L. purpurata* nos costões da ilha de Santa Catarina. Bom, circulação de ar é ótimo, então, mas com isso aparece um problema, que não é sério para as *Laelia* deste grupo, que é o do poder dissecante do vento. O problema não é sério para as plantas deste grupo, pois é apenas necessário regar as plantas com mais frequência, aumento este de frequência que depende diretamente da circulação de ar, como de resto as regas sempre dependem do clima mesmo. Problema só há, mesmo, para as plantas que são muito sensíveis à umidade, o que não é o caso aqui.

Bom, após este breve apanhado, principalmente os iniciantes podem estar achando que tudo ficou meio confuso. É útil, então, tentar colocar a coisa em termos práticos para as *Laelia* deste grupo.